

II A LIÇÃO DAS CARTAS

* Joaquim Maria Machado de Assis,
filho

Numa sexta-feira de novembro de 1988, ano em que se comemorou palidamente o centenário da abolição da Escravatura e foi promulgada a nova "Carta Magna do País", ou a "Constituição Cidadã", no dizer de um covo e calvo constituinte, nossa cidade foi abalada por mais um crime passional. Com efeito, o coração continua matando como nunca. Entre nós, supera - acredite-me, minha hipotética leitora - até o câncer, o trânsito e os grupos de extermínio. O caso, ou caso, como queiram, foi este.

Ela se chamava Rita, 30, branca, mineira de Paracatu, casada, de prendas e rendas, residente na Rua da Passagem, 133 (Botafogo). Ele, Vilela, 29, branco, carioca, casado, advogado, mesma residência. E, conforme a sabedoria popular, "não há dois sem três", conheçamos o terceiro, o outro, que já sugere vilania, não é verdade? Ele, Camilo, 26, pardo, fluminense (São Gonçalo), funcionário público (Secretaria da Indústria e Comércio), residente na Rua Pinto, s/n (Santo Cristo).

O crime? Talvez o correto seja mesmo dizer crimes. Ei-los. Rita foi brutalmente assassinada com cinco tiros de revólver Taurus, calibre 38. "Um projétil alcançou o coração, os outros quatro, a região pubiana, dilacerando-a", diz o legista. E esclarece ainda: "O assassinio deve ter se dado por volta das vinte horas do dia dez de novembro de hum mil novecentos e oitenta e oito".

Camilo, única testemunha, declarou que "fora à casa de Vilela, amigo de infância, meio-irmão, atendendo a uma nervosa solicitação deste, feita, à tarde, por telefone". Mais: "Era perto das dez horas da noite, digo, vinte e duas horas do referido dia, quando chegou à residência do amigo. Vilela esperava-o à porta do sobrado. O pijama e a alma amarfanhados. Fê-lo entrar e levou-o, ato contínuo, pela escada à parte de cima da casa. No quarto do casal, na cama, Rita ensanguentada. Antes que ele (o depoente) se recompusesse da trágica cena, Vilela pegou a arma (supradita), que estava junto ao corpo da esposa e apontou-a para a sua própria têmpora esquerda. Suas únicas e últimas palavras: 'As cartas não mentem jamais'. E detonou-se.

A mim, Delegado Raposo, coube investigar o homicídio e o provável suicídio que tanto enlutaram a sociedade carioca. Constrange-me confessar, porém, que, decorridos já trinta meses exatos, não logrei êxito em minhas investigações. Tiraram-me do caso e, de quebra, me aposentaram. Mas não desisti, não. Não vou desistir nunca. Virou obsessão. Apontamentos. A que você tem acesso agora, leitora perspicaz. Você me ajudaria? Grato. Vou repassar a história. Coisa que já fiz muita vez. O que me anima é que a interlocutora parece confiar neste locutor. Na verdade, pressinto que cheguei bem perto da solução do caso. Talvez a chave esteja tão evidente que eu não a vejo. Vejamos.

Por onde comecei? Por Camilo, é óbvio. Hã! alguma coisa lhe diz que ele é inocente? O sexto sentido feminino. Sei. Quem sabe? Bem, como eu dizia, virei e revirei a vida do barnabé. Vigiei-o vinte e cinco horas por dia. Desculpe-me a hipérbole, mas um pouquinho de literatura não faz mal a ninguém. Certo? A verdade, no entanto, me obriga a reconhecer que Camilo está limpo. Há muita segurança, há muita coerência no que ele diz. Ademais tem um álibi. Diz-que foi "pegar a imperdível feijoada das sextas-feiras da Velha (a mãe, Maria de Lourdes, 67) e que saiu de lá, de Madureira, antes das nove da noite". (Vinte e uma horas) Que ele é, a meu ver, um mulatinho pernóstico, cheio de pose, transandando a RASTRO, com um interminável chope à mão, e um olhar devorador, isso é definitivo. O quê? Você me considera um preconceituoso? Não, não minha leviana leitora, não sou eu quem está em julgamento por ora. Voltemos ao Camilo? Melhor assim. Bom. Se ele era canhoto? Não, destro. Se ele e Rita eram amantes? Se foram, não consegui prová-lo. Se havia uma relação homossexual entre Camilo e Vilela? Também não provas concretas, consistentes. Um ou outro indício,

nada mais, infelizmente. Está vendo? Eu lhe disse que o caso não era fácil. Desafia-me faz quase três anos, mas eu o soluciono ou não me chamo Octacílio Raposo Filho.

Façamos luz sobre Rita. Nunca um nome se adequou tão bem a uma pessoa. Pérola. Ainda morta, e passadas tantas horas do óbito, persistia o esplendor de seu enigmático rosto. "Muito educada, carinhosa até. Não ordenava, pedia". Assim nos fala dela a empregada (Maria das Dores, 33), que servia à família há anos e que no funestiro dia encontra-se de folga em São Pedro da Aldeia, na casa dos pais (o que foi devidamente checado). Não, Rita não merecia uma morte daquelas. Nem ele e ninguém. Não é, leitora minha? Como? Hã! que eu não passo de um sentimentalão, um manteiga-derretida... Vá gozando, vá! Rita podia ser a minha filha, sabia? A única que eu tive. A que viveu apenas oito minutos. A Letícia. A que eu pensava que fosse Alegria, mas que foi Morte. Os mesmos olhos da mãe. Do mesmo ano de Rita, 1958. O ano do primeiro campeonato Mundial de futebol conquistado pelo Brasil. Garrincha, Didi... O quê? Hã! Sim, eu estou tergiversando? Sei. Certo. Mas por que a furtiva lágrima, atenta leitora?

E Vilela, o marido? O que eu tenho dele? É escasso. Aliás, tudo é escasso neste caso. Exceto o meu empenho em solucioná-lo. Sim, é claro, e a sua acuidade de ouvires. Perdoe-me o esquecimento e a imagem, compreensiva leitora.

Vilela, o bem-nascido, bem-criado, benquisto, bem-apanhado (Meu Deus, será que ainda se usa essa expressão?), bem-humorado, bem-falante, bem-sucedido. Quase tudo bem. Por que quase tudo bem? Você não deixa passar nada, hein, leitora querida? Porque tenho cá minhas dúvidas se era bem casado. Essa é a peça-chave do mosaico, posso apostar. Não, Vilela não era um maníaco-depressivo. Nunca atentara antes contra a própria vida. Vícios? Não os tinha. Ao Contrário da esposa, não fumava. Como Camilo. Quando muito, numa concessão, "um uisquinho aqui, outro ali", com o "irmão mais novo que eu não tive". Tais palavras vêm no verso de uma foto na qual vêem-se, unidos por um abraço, o casal e o amigo. Este é o do centro. Rita é a única que não sorri, repare. Estranho, não é? Consegui a foto vasculhando as coisas do finado. Descobri mais: o endereço de uma cartomante, num cartãozinho perfumado que só ele. Sim, é lógico que fui vê-la, leitora impaciente.

Madame Sofia (Nair dos Prazeres, 44) atendia numa casa velha da Rua da Guarda Jovem, 152 (Centro). Casa velha é eufemismo meu: estava a pique de desmoronar. Tudo ali carregava o seu tanto de ruína. Dir-se-ia a morada do imperturbável Enoc. O trêmulo sorriso da cartomante recebeu-me. Postiços, os dentes e a dona dos dentes. Mais baiana que cigana. Coxeava da perna esquerda. Perguntou-me se eu queria cartas ou búzios. Preferi as cartas. Elas não mentem jamais, certo? indaguei-lhe. Madame Sofia, nada. Os olhos é que falavam muito. Imaginariamente, eu via nela a ponta do dedo de um dramaturgo. Ela embaralhava, embaralhava. Nossos olhares se perseguiam. Perscrutávamo-nos. Eu, raposa. As mãos dominadoras. Os braços cabeludos. A teimosia da alça preta do sutiã. A cicatriz. Os brincos. O buço. O pixa.

- Corte e separe cinco cartas, disse-me de repente a cartomante.

Fi-lo. Ela voltou as cartas sobre a mesa.

- O senhor... não quer saber de si, mas sim dos outros. Está com um abacaxi dos grandes nas mãos.

Fiz-me maravilhado.

- Sim. Mas que outros?

- Um casal. Certo?

- Sim, sim.

- Ela não amava ele.

- E ele a amava?

- Mais do que devia...

- Como assim?

- Quer dizer, tinha ciúmes dela. Fazia ela sofrer muito.

- Por quê? A quem ela amava?
 - A uma pessoa.
 - Ora, madame, isso não é resposta. Quem?
 - A carta do amor não diz.
 - Não diz, ou não quer dizer?
 - Não pode dizer. Mas não era o marido.
 - Aquele "mas não era o marido" bastava-me.
 - Quanto lhe devo?
 - Pergunte ao seu bolso, respondeu ela.
- Deixei a cartomante. Deixei a carta amante. Levava comigo a chave do caso. Que lhe parece, fiel leitora?

* Vitor Hugo Fernandes Martins

O Conto "A Lição das Cartas", incubado na Oficina Literária Machado de Assis, realizada no Departamento de Letras da Universidade Federal de Rondônia, em 1990, ganhou Menção Honrosa no Concurso Literário Stanislaw Ponte Preta da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes (Agosto de 1991)